Recebido em: 28/02/2009 Emitido parece em: 03/04/2009 Artigo original

PERFIL FÍSICO-DESPORTIVO DAS ATLETAS FINALISTAS DE HANDEBOL FEMININO DOS JOGOS DO INTERIOR DE MINAS – JIMI 2008

Heidi Jancer Ferreira[1], Mariana Pereira de Andrade[1], Henrique Botelho de Souza[1], Cleber Rodrigues Gonçalves[1], José Geraldo do Carmo Salles[2].

RESUMO

Esta investigação teve como objetivo mapear o perfil físico-desportivo de atletas do handebol feminino participantes da fase final dos Jogos do Interior de Minas - JIMI 2008, que foram realizados na cidade de Ipatinga. Os JIMI constituem a maior e mais tradicional competição promovida pelo governo do Estado. A amostra foi constituída por 93 atletas, em um universo de 98 possíveis, correspondendo a 94,89% das atletas presentes. As equipes finalistas foram as seguintes: Betim, Contagem, Ipatinga, Itabira, Ituiutaba, Juiz de Fora, Montes Claros e São Lourenço. O instrumento foi desenvolvido visando saber: a idade; o grau de instrução, o estado civil, o tempo de prática na modalidade, o número de participações na competição e de quais outras competições já participaram. Pôde-se constatar que 47,31% dessas atletas estavam com idade entre 16 e 20 anos; 60% delas estavam cursando ou cursaram o ensino superior. Quanto ao estado civil, 86,02% eram solteiras. No que se refere ao tempo de prática, 39% delas já praticam a modalidade há mais de 9 anos, sendo que 6% destas já participaram de Campeonatos Sul-americanos e 4,30% já estiveram em competições mundiais. Pelas informações relatadas, 87,09% delas tiveram sua iniciação competitiva através de jogos escolares, e 92,47% já participaram de jogos oficiais, por exemplo, Campeonatos Mineiros em diferentes níveis.

Palavras chave: Handebol feminino, perfil das atletas, JIMI-2008.

ABSTRACT

The objective of this research was to map the physical-sporting profile of handball female athletes participating in the final phase of the State Games of Minas Gerais - JIMI 2008 - held in the city of Ipatinga. JIMI is the largest and most traditional competition sponsored by the state government. Our sample consisted of 93 athletes in a universe of possible 98 participants, representing 94.89% of the present athletes. The finalist teams were: Betim, Contagem, Ipatinga, Itabira, Ituiutaba, Juiz de Fora, Montes Claros and São Lourenço. The evaluation instrument was developed to collect information on age, schooling level, marital status, time of practice in the sport modality, the number of participations in this competition and which other competitions they have already participated. We found that 47.31% of the athletes were aged between 16 and 20 years. A total of 60% were taking graduate courses or were graduated and 86.02% were unmarried. Regarding the time of practice, 39% have been practicing the sport for over 9 years, of which 6% had already been involved in South American Championships and 4.30% have been in world cups. Through the information reported, 87.09% had their competitive initiation in school games, and 92.47% have already participated in official games, such as Championships in the State Minas Gerais at different levels.

Key words: Women's handball, athlete profiles, JIMI-2008.

INTRODUÇÃO

A trajetória das mulheres no esporte foi marcada pela discriminação e pela luta em busca de espaço. O público feminino enfrentou preconceito e proibições para entrar no mundo esportivo, o qual desde seu surgimento tem sido predominantemente masculino. Aliás, o esporte, em sua gênese, foi concebido pelos homens e para os homens.

Na primeira edição dos Jogos Olímpicos Modernos, em 1896, não houve a participação feminina. Inclusive, um dos que se opuseram à participação das mulheres foi o próprio Barão Pierre de Coubertin, renovador dos Jogos Olímpicos. Ele não concordava que as mulheres tomassem parte dos Jogos, exceto como espectadoras (DEVIDE, 2002; MIRAGAYA, 2002). Entretanto, apesar dessa negativa dos

idealizadores, conta a história que a iniciação da mulher nos jogos teria ocorrido na clandestinidade, quando a grega *Melpomene* correu a prova da maratona, mesmo não estando inscrita (PAULASILVA, 1999).

Quatro anos depois, na segunda edição dos Jogos Olímpicos, em 1900, realizada em Paris, apesar da contrariedade de Coubertin, as mulheres começaram a conquistar algum espaço nas arenas de competição, correspondendo a 1,9% de participação em relação ao total de atletas (CARVALHO, 2002). Contudo, a presença das mulheres no esporte foi aumentando paulatinamente a cada nova edição. Em 2008, a participação feminina atingiu os 40% (http://sp.beijing2008.cn/venues/). A tendência é de que em pouco tempo o número de participação feminina esteja próximo ao número dos homens. Apesar dessa aceitação, muitos esportes mostraram resistência até bem pouco tempo, como foram os casos: levantamento de peso – 104 anos; polo aquático – 100 anos; futebol – 96 anos; ciclismo – 88 anos; pentatlo moderno – 88 anos; tiro – 88 anos; vela (iatismo) – 88 anos; remo – 76 anos; hóquei – 72 anos; basquetebol – 40 anos (CARVALHO, 2002).

No contexto brasileiro, a inserção feminina data de meados do século XIX e também foi marcada pela presença de barreiras sociais. Durante o decorrer desse século, as mulheres chegaram a enfrentar interdições, estabelecidas pelo Conselho Nacional do Desporto – CND: "Às mulheres não se permitirá prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito o CND baixar as necessidades de instruções às entidades desportivas do país" (GOVERNO FEDERAL DO BRASIL - Decreto Lei nº 3199 de 1941).

Em 1965, outra deliberação ratificava a proibição: "Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball" (CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS - Deliberação nº 07 de 1965).

Segundo Goellner (2005), essa proibição baseava sua argumentação na ideia de proteção da integridade física da mulher e proteção da sua fertilidade.

Segundo Salles et al (1996), os valores sexistas embutidos no contexto social brasileiro criaram e perpetuaram as desigualdades do gênero. Para Romero (1994), tais situações estão quase sempre gerando prejuízo para a mulher, tanto no prestígio quanto no valor.

Analisando a participação da mulher brasileira nas atividades físico-esportivas, Mourão (1998) argumenta que:

> "A representação corporal feminina ancorada na representação da sociedade brasileira no final do século XIX, se encontrava destituída de prestígio e arraigava no mais profundo preconceito e na maioria das vezes na mais completa ignorância sobre as consequências que a atividade física poderia trazer para a formação de uma nova mulher para o século XX." (p.130)

Segundo a autora, eram poucos pensadores os que defendiam a importância da atividade física como promotora da construção do corpo da mulher brasileira no final do século XIX. E, sem defensores, o processo de aceitação e naturalização da prática físico-esportiva pelas mulheres ficou durante muito tempo combatido pelos higienistas e educadores.

Entretanto, algumas pioneiras conseguiram a 'duras penas' espaço nesse reduto masculino. Nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932, o Brasil teve sua primeira participação feminina, com a nadadora paulista Maria Lenk, que com apenas 17 anos embarcou para os jogos ao lado de 60 homens. Esse fato é considerado por muitos como um marco para a divulgação e crescimento do esporte feminino brasileiro.

Em 1936, Maria Lenk e Piedade Coutinho, esta com apenas 13 anos, viajaram em companhia de outras cinco atletas, visando aos Jogos de Berlim. Coutinho foi a primeira nadadora brasileira a atingir uma final olímpica, e esse feito perdurou até os Jogos Olímpicos de 2004, em Atenas.

Apesar dos contratempos e dos preconceitos que rondavam a prática feminina na maioria dos esportes, o certo foi que as transformações sociais foram repaginando o Brasil, e o esporte, como vulto de uma sociedade em desenvolvimento, não ficaria de fora. E a mulher de vanguarda que lutou (e luta) por igualdade assumiu seu gosto e papel perante as práticas físico-esportivas. Alguns caminhos ainda são conturbados, penosos e desprestigiados, como é o caso do futebol feminino, mas sinalizam a busca de uma nova reflexão social.

O objetivo deste estudo foi estabelecer o perfil físico-esportivo do público feminino praticante de esportes coletivos nos Jogos do Interior de Minas – JIMI, especificamente o handebol, através da fase final dos Jogos do Interior de Minas – JIMI 2008, realizados na cidade de Ipatinga, no Vale do Aço mineiro.

Os JIMI consistem no evento esportivo amador de maior repercussão no Estado de Minas Gerais. Trata-se da maior e da mais tradicional competição promovida pelo governo do Estado de Minas Gerais, atendendo ao decreto número 24.202 de 20 de dezembro de 2004, que estabeleceu a sua criação (SEDESE - REGULAMENTO GERAL JOGOS DO INTERIOR DE MINAS, 2008). É uma competição entre municípios. Em 2008, aconteceu a sua 23ª edição na cidade de Ipatinga, no Vale do Aço mineiro. Este evento pode ser considerado uma grande festa esportiva mineira, que acontece entre os meses de abril e outubro de cada ano, reunindo milhares de atletas de centenas de cidades. Nesta edição, os organizadores afirmaram que a participação foi de aproximadamente 11 mil atletas, de mais de 190 municípios.

Os JIMI desempenham um importante papel seletivo e estimulador para todos os atletas, uma vez que a equipe campeã de cada modalidade representa o Estado de Minas Gerais nos Jogos Abertos Brasileiros, que é uma competição de nível nacional.

METODOLOGIA

Os dados deste estudo foram coletados na 3ª fase dos Jogos do Interior de Minas, realizados na cidade de Ipatinga – MG, no mês de outubro de 2008.

O instrumento foi desenvolvido visando obter: idade, grau de instrução, estado civil, tempo de prática, número de participações na própria competição e quais outras competições as atletas já haviam participado. O instrumento também proporcionou, através de questões abertas e fechadas, entender o processo de sustentação e veiculação destas atletas à prática esportiva. Entretanto, neste artigo, apenas estão apresentados os dados referentes ao perfil.

Amostra

As informantes deste estudo foram 93 atletas do sexo feminino, praticantes da modalidade de handebol, participantes da fase final dos JIMI-2008, conforme Quadro 1.

O regulamento da competição estabelecia que nesta fase final as equipes poderiam levar até 17 atletas. Entretanto, uma única cidade (Betim) levou sua equipe completa, mas, desta, duas atletas não responderam o instrumento de coleta.

Quadro 1. Demonstrativo da amostra participante deste estudo.

CIDADE	N Presente na competição	N Que responderam o instrumento	% das participantes que responderam o instrumento
Betim	17	15	88,23%
Contagem	14	12	85,71%
Ipatinga	12	11	91,66%
Itabira	12	12	100%
Ituiutaba	10	10	100%
Juiz de Fora	11	11	100%
Montes Claros	10	10	100%
São Lourenço	12	12	100%
Total	98	93	94,89%

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As informações serão agrupadas em tabelas, facilitando a visualização.

Tabela 1. Idade das atletas de handebol participantes da fase final do JIMI-2008.

Idade	N	%
16 a 20 anos	44	47,31%
21 a 25 anos	28	30,10%
26 a 30 anos	15	16,12%
31 a 35 anos	2	2,15%
36 a 40 anos	2	2,15%
Acima de 40 anos	2	2,15%
Total	93	100%

Na Tabela 1 estão agrupadas as idades das atletas. Trata-se de uma amostra caracterizada por jovens atletas, em que 47,31% estão entre 16 e 20 anos e 30,10% entre 21 e 25 anos. Esta idade inferior a 16 anos se justifica por ser a idade mínima com que se pode participar do evento. À medida que aumenta a idade, diminui o número de atletas participantes.

As cidades que apresentaram as menores médias de idade foram São Lourenço (19,9 anos) e Itabira (19,1 anos). As maiores médias foram das cidades de Montes Claros (25,5 anos) e Ipatinga (25,1 anos). A média de idade da amostra foi de 22,3 anos.

Tabela 2. Grau de instrução das atletas de handebol participantes da fase final do JIMI – 2008.

Grau de instrução	N	%
Ensino fundamental	2	2,22%
Ensino médio	34	37,77%
Ensino superior	54	60%
Total	90	100%

Quanto ao grau de instrução (Tabela 2), três atletas não o informaram no instrumento. A amostra demonstrou que 60% delas têm formação superior ou estão cursando; 37,77% delas já concluíram (ou estão em curso) o ensino médio; e apenas 2,22% ainda estão frequentando o ensino fundamental.

Tabela 3. Estado civil das atletas de handebol participantes da fase final do JIMI – 2008.

Estado civil	N	%
Solteira	80	86,02%
Casada	11	11,82%
Divorciada	2	2,15%
Total	93	100%

No tocante ao estado civil dessas atletas, podem-se observar as informações na Tabela 3. Entre elas, 86,02% se declararam solteiras, enquanto 11,82% disseram ser casadas e 2,15% são divorciadas.

Tabela 4. Tempo de prática das atletas de handebol participantes da fase final do JIMI – 2008.

Meses	N	%
Até 12 meses	1	1,07%
Entre 13 e 36 meses	9	9,67%
Entre 37 e 60 meses	14	15,05%
Entre 61 e 84 meses	18	19,35%
Entre 85 e 108 meses	15	16,12%
Acima de 108 meses	36	38,70%
Total	93	100%

Pode-se notar na Tabela 4 que 38,70% das atletas praticam a modalidade por mais de nove anos, demonstrando a maturidade dessas atletas em competições. Apenas uma delas afirmou que seu tempo de prática era menor do que um ano. Entre 3 e 7 anos estavam 32 atletas, correspondente a

34,40% do total da amostra. Apesar de serem jovens, como foi revelado através da idade na Tabela 1, muitas delas já praticam a modalidade há mais de 9 anos.

Tabela 5. Número de vezes em que participou dos JIMI – Atletas de Handebol – JIMI 2008.

Número de Vezes	N	%
Uma	14	15,55%
Duas	14	15,55%
Três	13	14,44%
Quatro	8	8,88%
Cinco	9	10%
Seis	9	10%
Sete	4	4,44%
Oito	6	6,66%
Nove	2	2,22%
Dez	3	3,33%
Mais de 10 vezes	6	6,66%
Mais de 20 vezes	2	2,22%
Total	90	100%

Também se buscou saber o número de participações destas atletas nos JIMI (Tabela 5). Esses números parecem conflitar com os da Tabela 4. Embora uma elevada porcentagem delas tenha entre 7 e 10 anos de prática, quanto à participação nos JIMI, muitas delas revelaram ter entre uma e quatro participações (54,44%). Isso parece mostrar que as equipes estão se renovando; 25,55% das atletas já estiveram na competição por mais de 7 vezes; 3 atletas não responderam esta questão no instrumento. Também há que se destacar a longevidade esportiva de duas atletas de Montes Claros, que participaram da competição por mais de 20 vezes. A cidade de Montes Claros tem elevada tradição nesta modalidade.

Tabela 6 – Competições das quais as atletas já participaram.

Evento	N	%
Jogos escolares	81	87,09%
Jogos universitários	42	45,16%
Jogos mineiros	86	92,47%
Jogos brasileiros	51	54,83%
Jogos sul-americanos	6	6,45%
Jogos mundiais	4	4,30%
Jogos abertos	37	39,78%

Na Tabela 6, procurou-se saber quais os níveis de competições que já foram jogados por essas atletas. Pode-se perceber que 87,09% delas tiveram sua iniciação competitiva através de jogos escolares. Esse fato vem ratificar a grande tradição brasileira de se ter a formação esportiva inicial na escola, apesar de toda a precariedade do poder público em equipar as instituições com instalações adequadas. Menos de 12% das escolas dos municípios mineiros têm espaço apropriado para a prática esportiva sistematizada (DaCOSTA, 2005).

Constatou-se também que 92,47% delas já participaram de competições estaduais e que 45,16% competiram em jogos universitários. Seis delas revelaram ter participado de competições internacionais (jogos sul-americanos) e outras quatro de competições em nível mundial.

CONCLUSÃO

Ao se mapear o perfil físico-desportivo das atletas finalistas de handebol feminino dos Jogos do Interior de Minas – JIMI 2008, pôde-se constatar que 47,31% destas atletas estavam com idade entre 16 e 20 anos; 60% delas estavam cursando ou cursaram o ensino superior. Quanto ao estado civil, 86,02% eram solteiras. No que se refere ao tempo de prática, 39% delas já praticam a modalidade há mais de

nove anos, sendo que 6% destas já participaram de Campeonatos Sul-americanos e 4,30% já estiveram em competições mundiais. Pelas informações relatadas, 87,09% delas tiveram sua iniciação competitiva através dos jogos escolares e 92,47% já participaram de jogos oficiais - por exemplo, Campeonatos Mineiros em diferentes níveis.

Pelo fato de a maioria das atletas ter sua formação inicial esportiva na escola, percebe-se a necessidade do poder público direcionar maiores e melhores investimentos para o esporte escolar, principalmente no tocante à infraestrutura. Além disso, é preciso que as aulas de Educação Física também envolvam e incentivem a prática físico-desportiva das meninas e não somente dos meninos.

Em competições esportivas atuais, a participação das mulheres tem se equiparado à dos homens, o que consiste em uma grande conquista de vários grupos de mulheres que sempre lutaram pela inserção feminina no esporte. Mas, ainda hoje, mesmo com participação similar à dos homens, o mundo esportivo feminino não dispõe de semelhante prestígio e reconhecimento dispensado ao público masculino, como ocorre, por exemplo, no caso do futebol. A exposição na mídia, a concessão de patrocínios, a definição de salários e prêmios e a participação em cargos de direção e administração esportiva ainda são questões que distanciam o esporte feminino do masculino.

REFERÊNCIAS

BRASIL, GOVERNO FEDERAL **Decreto Lei nº 3199 de 1941**. Rio de Janeiro. RJ.

BRASIL, Conselho Nacional de Desportos – **Deliberação nº 07 de 1965**. Brasília - DF

CARVALHO, A. M. J. de. A participação feminina nos Jogos Olímpicos. *In:* TURINI, M. e DaCOSTA, L. (Orgs). **Coletânea de textos em Estudos Olímpicos**. Vol 2. Fórum Olímpico. Rio de Janeiro. Editora Gama Filho. 2002

DaCOSTA, L. P. (Orgs.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro. Shape. 2005

DEVIDE, F. P. História das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. *In:* TURINI, M. e DaCOSTA, L. (Orgs). **Coletânea de textos em Estudos Olímpicos**. Vol 2. Fórum Olímpico. Rio de Janeiro. Editora Gama Filho. 2002

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, v.8 n. 1, p. 85-1000, 2005.

http://sp.beijing2008.cn/venues/. Acessado em 04/02/2009.

MIRAGAYA, A. A mulher olímpica: tradição versus inovação. *In:* TURINI, M. e DaCOSTA, L. (Orgs). **Coletânea de textos em Estudos Olímpicos**. Vol 2. Fórum Olímpico. Rio de Janeiro. Editora Gama Filho. 2002

MOURÃO, L. A formação corporal da mocidade feminina do Rio de Janeiro no século XIX: representação de João Matta Machado. *In*: VOTRE, S; SALLES, J. G. do C. e MELO, V. **A Representação social do esporte e da atividade física – Ensaio Etnográficos**. Brasília. INDESP. 1998.

PAULASILVA, M. C. de. Mulher, Jogos Olímpicos e memória nacional: o caso de Piedade Coutinho. *In*: TAVARES, O. e DaCOSTA, L. P. **Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro. Editora da Gama Filho. 1999.

ROMERO, E. A Educação física a serviço da ideologia sexista. *In:* **Revista brasileira de ciências do esporte**. Santa Maria. Vol. XV. nº 3. 1994.

SALLES, J. G. do C.; Silva M. C. de P. e COSTA, M de M. A mulher e o futebol – significados históricos. *In*: VOTRE, S. (Orgs.). **A representação social da mulher na educação física e no esporte. Rio de Janeiro**. Editora Central UGF. 1996.

SEDESE **- REGULAMENTO GERAL – Jogos do Interior de Minas** – Belo Horizonte – MG. 2008

[1] Acadêmicos do curso de Educação Física – UFV

[2] Coordenador do Grupo de Pesquisa – Prof. orientador Departamento de Educação Física – UFV
hfjancer@yahoo.com.br